

**QREN - Aldeias de Memória**

## **História de Vida**

de

**Laurinda dos Anjos**

registada em 2008-09-26  
por

Cláudia Simões e Hugo Pereira



## Laurinda dos Anjos

Laurinda dos Anjos nasceu na Mourísia. O pai era António Joaquim e a mãe era Maria Ginésia. “Iam ao mato e à lenha, cavavam a territa, semeava-se as batatitas e o milho.” O pai era resineiro no pinhal. Namorou com o marido “sentados ao pé dos pais”. O casamento foi na Moura. Ficou na terra algum tempo, depois de casar. Teve um filho. Laurinda foi sempre “empregada no trabalhito da fazenda”. Quando era solteira ainda tinha que fazer o comerzinho para o filho, para o pai, para o marido e tinha os animais para tratar.

# Índice

Identificação Laurinda dos Anjos.....	4
Ascendência António Joaquim e Maria Ginésia.....	4
Casa Uma casa pequenina.....	4
Infância "Eu era maluca por dançar".....	5
Namoro "Namorávamos sentados ao pé dos meus pais".....	5
Casamento "O padre fez umas cerimónias grandes lá como eles entendem".....	6
Descendência Uma mãe extremosa.....	6
Religião "Íamos todos os domingos".....	6
Percurso profissional "Era empregada assim no trabalhito da fazenda".....	7
Costumes Vida na Serra.....	7
Lugar Uma vida com muito pouco.....	10
Quotidiano "Nem sequer uma galinha tenho".....	12

## **Identificação *Laurinda dos Anjos***

O meu nome é Laurinda dos Anjos. Nasci na Mourísia. Fica para trás do Piódão, para além da "encosteira", por trás.

## **Ascendência *António Joaquim e Maria Ginésia***

O nome do meu pai é António Joaquim. A minha mãe era Maria Ginésia. Coitadinhos, iam ao mato e à lenha, cavavam a territa, semeava-se as batatitas e o milho.

O meu pai era resineiro no pinhal. Com um ferro, na secção do pinhal, tirava a resina para tigelas lá para outros, que mandavam nele. Foi para Lisboa e depois veio para aqui. Estava aqui e estava em Lisboa ao pé dos outros filhos. Trabalhava nos jardins. Ia fazer aquelas tantas horas. Um irmão e um filho que ele lá tinha é que lhe arranjaram aquele empregozito. Ia para casa lá dos filhos e gostava de estar aí assim. A minha mãe morreu muito cedo, também.

Quando uma pessoa morria ia para baixo da terra, para o cemitério. Agora até se paga uma quota para o Sagrado Coração de Jesus. Quando morre, tem aquela missazinha de graça. É quase como agora. Ao meu pai, que Deus tem, faltava-lhe para aí uns dois, três meses. Pagou sempre. Dois ou três meses deixou de pagar. Quando morreu, disse o padre:

- "Ele deixou de pagar, Laurinda. Só se queres pagar os atrasados."

- Pago, sim, senhor prior.

Paguei tudo. Quis a missa ao meu pai. Há oito anos que morreu. Ainda agora mandei dizer uma missa. Aqui, eram duas por mês. Eram muitas, mas não podia. Só uma por mês. Não é com o meu, é com o do meu pai ainda. Era muito pouquinho. Dava para nos governar. Se não fosse isso...

## **Casa *Uma casa pequenina***

A minha casa não é grande. É pequenina, com dois quatinhos e uma salita.

Num quarto não dormia ninguém. Só quando o meu filho era maiorzinho é que lá dormia. No outro eram os meus pais. Eu dormia com a minha avó, que Deus tem. Queria que eu dormisse com ela.

Tenho irmãos. Éramos cinco. Já morreu uma, somos quatro. Foram de pequeninhos para Lisboa. Muito pequeninhos. Uma irmã minha tomou lá conta deles. Foram para Lisboa, coitadinhos.

### **Infância "*Eu era maluca por dançar*"**

Fui à escola, mas não aprendi nada. Era burra, não aprendi nada. Não tinha bem a memória. Tinha alguns amigos. Brincávamos, às vezes, à roda e dançávamos com as mãos agarradas uns aos outros. Era só assim. Era pequenininha, não me lembro.

Tínhamos ovelhas e tínhamos cabras. Íamos ao mato e à lenha e levávamos com a gente. Nós roçávamos os molhitos de mato e apanhávamos uns molhinhos de lenha. Trazíamos os molhos com o gado. Vinham para a lojzinha. E daí, íamos buscar a lenha à parte.

À noite, estava a gente, às vezes, a debulhar feijão e a conversarmos uns com os outros. Era assim. A falarmos destas coisas dos bailes. O meu pai sabia tocar uma viola. Tocava muito à cozinha e cantava muito bem.

Lá na minha terra, íamos para os bailes. O meu pai ia com aquela guitarrinha. Eu era maluca por dançar. Dançava muito. Era assim a gente agarrados uns aos outros a dançar. Acabava o que estava a tocar, paravam um bocadinho e depois tornava a começar e tornavam-se a agarrar uns aos outros. Cantava muito bem ao fado. Agora, já sou velha, já não me lembro assim muito. Era uma alegria. Ele, daí, coitadinho, foi para aqui para ao pé de nós. Tocava e cantava muito aqui, também. Enquanto ele foi vivo foi uma alegria para mim.

Ainda era amiguinho de me dar dinheiro para eu ir ao outro lado buscar pão e mercearia. Morreu, acabou tudo.

### **Namoro "*Namorávamos sentados ao pé dos meus pais*"**

O meu marido era de boas famílias. Era bem-educado. Lá para o lado da minha terra, estava uma senhora. Ele ia muita vez a casa dela. Já morreu aos anos aquela mulher, também. Ainda passava o Piódão muito para além para ir lavar a minha terra. Ela conhecia-o e disse:

- "Ó Laurinda, podes aproveitar, que olha que ele é boa pessoa."

Os meus pais não queriam, que era de muito longe. Ele era daqui. Pediu aos meus pais e eles depois lá disseram que sim. Se eu quisesse. Se eu não quisesse, pronto. A minha mãe por essa não se importava, mas o meu pai disse:

- "Ó filha, tão longe... Tão longe... Olha, faz o que quiseres!"

Chama-se Artur Castanheira. Aproveitei. Graças a Deus. Namorávamos sentados ao pé dos meus pais. Lá no outro tempo, havia muita pouca-vergonha, mas eu graças a Deus, pela minha porta... nunca passou.

### **Casamento "*O padre fez umas cerimónias grandes lá como eles entendem*"**

O casamento foi na Moura. A minha freguesia não era lá, mas depois mudaram. Eu levava uma saíinha azul às pregas e uma blusa branca. Ele, roupa preta. Aos anos... O meu filho, coitado, também daqui a pouco já está velho.

O padre fez umas cerimónias grandes lá como eles entendem. Ninguém quis ir ao casamento do meu marido. Só foi o pai dele e dois irmãos. Também não tinha mais. Foram os meus irmãos e duas tias, que eu tive. Já morreram. Foi lá uma tia daqui da banda do meu homem. Muito cantou. O meu pai a tocar, muito cantou. Era uma tia muito porreira. Dava-lhe muito quando cá vinha. As outras não quiseram vir, deixá-lo.

Houve almoço na minha casa. Carninha, arroz, tigelada e uma broa. Foi chanfana. É carne de cabra. A chanfana é cortada aos bocadinhos com temperos e põe-se no forno, com batatas cozidas à parte noutra taça.

Fiquei lá na minha terra. Arrendaram-nos uma casita e fiquei lá. Vim para cá morar já estava casada ao tempo.

### **Descendência *Uma mãe extremosa***

O meu filho sabe ler e escrever. Ele ia para a escola daqui para o Piódão debaixo de chuva e trovoada muito forte. Era pequenininho e tinha muito medo. Andava lá uma outra moça, que os pais vivem do outro lado. Vinha pela Foz d'Égua para não vir com ele. Não queria vir por cima, que era muito longe. Eu ia-o esperar quase ao Piódão debaixo de chuva:

- Então não hei-de encontrar? Oh, meu querido filho...

Baptizei-o. Ainda tem os padrinhos vivos. Estão em Lisboa. Ensinávamos a doutrina. Eu tinha e ainda tenho uma rica memória.

### **Religião "*Íamos todos os domingos*"**

Ia à doutrina, mas era uma moça que nos ensinava em casa. Os meus pais ensinavam-nos as orações.

Tenho muita pena de não comungar todos os domingos, mas não posso ir para o Piódão. É muito longe. Para aí uma hora ou mais. Para o meu homem, nem duas horas. Ele agora também não sai.

Até pedi ao senhor prior para lhe cá virem dar o Nosso Senhor. Ia todos os domingos ao Piódão, todos, todos os domingos. Estivesse o tempo que estivesse. Com um chapéu muito grande, vinha, farta de chorar. Vinha pedir. Lá vieram trazer o Nosso Senhor.

Íamos muita vez. Todos os domingos. Agora não posso andar também. Quando o padre, às vezes, aqui vem, ainda lá vou à missa, mas quando não...

### ***Percurso profissional "Era empregada assim no trabalhito da fazenda"***

Nunca saí daqui. Nunca quis. Era empregada no trabalhito da fazenda. Batatas, milho, feijão e cebolitas também. Aqui não ajudava, mas na minha terra quando estava solteira ainda ia ajudar muito. Tinha que fazer o comerzinho para o meu filho, para o meu pai, para o meu marido. Tinha os animais para tratar e chegava. Muitos animais que eu tinha. Tínhamos os porquinhos, o gado, cabras, ovelhas...

A gente comemos muito. Comemos feijão, batata, massa, arroz e grão. Por exemplo, agora ao meio-dia, comemos assim mais ou menos. À noute, já não se importa muito até de comer. Às vezes, um chazinho ou um cafezinho com leite e um bolinho.

O meu marido nunca de cá saiu também. Saía assim para os montes e para um lado e para o outro, a compor podões. Fazia-os. Tinha uma oficina para bater ferros.

### ***Costumes Vida na Serra***

#### **"Eu era maluca para ir para os moinhos com as saquitas do milho às costas"**

A apanha do milho era assim: cortávamo-lo, púnhamos num monte, descamisávamos e acartávamos às saquitas para casa. Malhávamo-lo com uns pauzinhos para ficar menos grão no casulinho. Depois, a gente acabava de tirar. Secávamo-lo e comíamos. Eu era maluca para ir para os moinhos com as saquitas



do milho às costas. Para moer e cozer a broa no forno. Os moinhos eram lá de outras pessoas. Empréstados.

- "Vá lá moer hoje, esta noite e amanhã todo o dia se quiser."

Eu até tenho aqui um forninho. Fê-lo o meu pai, que Deus tem. Tanta broa que eu aqui pus. Punha aqui a gamelazita, amassava, aquecia o forno e punha as broas. Está aqui ainda o suporte onde eu punha a pá para se segurar.

Antes, era ao pé da fonte onde estão as rosas "pia baixo"<sup>1</sup>. Era cá de todos da quinta. Às vezes, ajuntávamo-nos. Fazíamos um sinal com o dedo para se conhecer a broa. Cozíamos às duas a duas no forno. Depois o meu pai, como para cá veio, fez-me um forno para mim.

O meu filho é que pintou. Arranjou-nos a cozinha. Fez outro forno pequenininho. Também ajudáramos. A gente levanta às sete da manhã com o pau. Assava aqui a carinha e fazia a tigelada. Primeiro, cozia a broa pela festa, depois fazia a tigelada, depois punha a carnezinha. Era tudo aqui. Era uma maravilha. Este ano já não houve festa nem no ano passado. O meu filho come aqui, por exemplo, um dia de festa e nós no outro dia de festa vamos comer a casa dele.

Este forninho, tenho muita pena... Agora lá nos põem um tachinho de comida ou dois. Chega para nós. Como somos só assim...

### **"O meu filho dizia que eu tinha umas mãozinhas"**

Sei fazer a tigelada. Sabia. Primeiro batem-se os ovos bem batidos. Depois conta-se: quatro ovos, uma tigela de leite, outros quatro ovos, outra tigela de leite e açúcar. Põe um tachinho no forno. Ficava ali cozidinha que era uma maravilha. Contanto, não se podia ter o forno muito bravo, porque depois queimava-se por cima. Depois, o meu filho deu em arranjar uns testozinhos e púnhamos por cima dos tachos. Já se não queimavam.

O meu filho dizia que eu tinha umas mãozinhas... Quando era mais pequeno:

- "A mãe tem umas mãos para fazer tigelada e pão que é uma maravilha!"

Agora, tenho que a comprar se quero comer a broa.

### **"O enchido era muito melhor que o comprado"**

Quando o meu filho me compôs a cozinha, pôs dois ferros para eu pôr as varinhas para secar o enchido. Tínhamos, com licença, um porquinho. Quando

---

<sup>1</sup>por aí abaixo

ouvia gritar os porquinhos no povo, era uma alegria. Depois, deram-nos em comprar.

Eu criava-os. Criava os porquinhos e fazia o enchido. Era uma maravilha. Gostava muito. Era carne cá criada. O enchido era muito melhor que o comprado. Do comprado, não me importa da carne.

Era a um sábado ou a um domingo. O senhor que cá vinha até era do povo. Coitado, não tinha que fazer. Era só quando ele podia. A matança do porco era com uma faca nas goelas. Até aparava o sangue e a gente cozia-o num caldeirinho. Depois, era arranjado com cebola. Era uma coisa muito boa.

Salgávamos a carne numa gamela e púnhamos numa tinazinha, numa arca. Era o governo para todo o ano. Púnhamos os varões. Enchiam com uma enchedeirazinha as chouriças. Agora, já há mais de dois, três anos que nada. Os porcos, já há tempo. E, agora, também o filho disse:

- "Oh mãe, andar a comprar carne para fazer enchido. Olhe, compre-o já feito."

Eu também não posso. Os meus ossinhos está tudo deformadinho. Dizem os médicos e eu não me seguro mesmo dos ossos. Olha, deixa!

## **A festa religiosa**

Fazem cá festas todos os anos. Vem um rancho tocar à noite. Eu não vou lá. Já há dois anos que lá não vou. Não posso andar. É de noite e o meu marido fica aqui sozinho. Nem o filho lá vai, coitadinho. Para dar respeito ao pai. São muito amigos.

Na procissão, saem os andores, o Santíssimo e vem a música tocar à missa. A procissão dá a volta lá em cima à rua em Chãs d'Égua.

## **Beijar a Cruz**

Pela Páscoa, vem Nosso Senhor e os mordomos a casa pedir. O meu filho e a minha nora vêm aqui beijar a minha casa. Trazem mesmo a Cruz, Nosso Senhor, para a gente dar o beijinho. Eles esperam à porta que o meu homem lá chegue.

Dão um santinho ou uma santinha em papel. A gente dá também alguma coisinha. Dinheiro e assim.

## "Os meus irmãos davam-me qualquer coisita"

No Natal, comíamos tal e qual como hoje. Comíamos o bacalhau com as batatas, o comerzinho da fazenda e aquilo tudo. Os meus irmãos davam-me qualquer coisita. Um lenço de mão, umas meias... Diziam eles que ainda era melhor e eu aceitava.

No ano passado, fui a Lisboa a casa de uns sobrinhos. Ia lá quando o meu filho era mais pequeno. Ainda o levava ao colo. Nunca mais lá tinha tornado. Este ano, os meus sobrinhos disseram, à fina força, para eu lá ir. O meu filho foi lá dois anos seguidos sozinho. Estávamos cá nós. No ano passado, telefonou para aí para o meu filho ir e a mulher. Disse:

- "Olha, primos, não vou. Os meus pais estão de uma maneira que aqui num sítio destes, sozinhos não os deixo cá ficar. Podem cair, morrem para aí e depois a vergonha ainda é minha."

Veio cá um sobrinho buscar-nos. São de Lisboa. Trazer, não nos veio cá trazer. Estivemos quatro dias, porque acabaram-se as férias do meu filho e ele tinha de vir para ir para o trabalho. Mas se quiséssemos esperar mais um dia, vinham-nos cá trazer. Foi bem bom. Eu fui também. Fôramos todos. O meu sobrinho levou-nos todos. Disse que vinha cá buscar, porque gostava que o Zé e a minha Maria fossem. Como ele não ia por causa de nós, disse que nos vinha cá buscar. Assim foi. Ai se não gostei! Já vieram outra vez e a minha sobrinha disse:

- "Ó, tia, você não esteja a chorar. Vocês, se forem vivos, para o Natal tornam a lá ir."

Por lá há muita coisita. Muita coisa. Estive em casa da minha irmã e das minhas sobrinhas, mas gosto mais de estar por aqui.

No Ano Novo é assim também mais ou menos. Bacalhau, carne assada no forno...

## **Lugar *Uma vida com muito pouco***

### **Sem electricidade nem água canalizada**

Antigamente, não havia luz. Só agora. A gente cá era com uns candeeiritos a petróleo, mais nada.

Também não havia água. Agora há uns anos é que se arranjou para cá. Lá em baixo, à ribeira, à nascente que lá estava, é que tínhamos que a ir buscar, ao ombro, nuns cantarinhos de barro, que comprávamos nas feiras. Íamos à Vide

e a Arganil. Lá há feira. Na Vide, Malhada... Ainda lá vou mais o meu filho. Trago as coisinhas para mais tempo. Uma pessoa, claro, tem de chamar táxi. Fica muito caro.

Ia lavar a roupa à ribeira, aqui em baixo. Outras lavavam ali em cima, à fonte. Também lavava no tanquezito, que o meu pai me fez. Com uma torneira a cair a água para dentro do tanque, enchia o tanque e ali é que eu lavava. Com as mãos e com sabão. Às vezes, punha-lhe um bocadinho de lixívia, um bocadinho de Omo que até a lavava melhor. Mas quando era mais nova não havia lixívia. Pois não. Era só com o sabão. Depois, punha num arame nas oliveiras.

### **Tamancas e casaquitos para o frio do Inverno**

Andava muito. Íamos para a Vide a pé. Da minha terra, íamos para Pomares a pé, também. Levávamos umas tamanquitas pelo caminho. Uns sapatitos de pau com uma brochitas por baixo, para não escorregarem. Os chinelos eram assim como se usa hoje.

A roupa era umas blusitas, umas saiiitas quaisquer. No Inverno, tínhamos uns casaquitos mais fortes para vestirmos por cima das blusas. Aqui neva! Davame a neve pelos joelhos. Nós temos aí lenhinha. Faço fogueira. Quando estava na minha casa, tinha de ser. Assim agora padece a gente.

### **"Na minha terra, vinha um médico de Côja"**

As constipações, estávamos aí a curá-las em casa. Uns comprimidos, umas ervazinhas, uns chazinhos.

Como é que curavam uma dor de cabeça? Com nada. Era aturar.

Os dentes, ia a gente mandá-los tirar a Arganil. A ferro. Ainda lá fui tirar três. Aturava a gente para aí as dores. Assim que tal, iam-se mandar tirar, ao menos era só uma dor.

Os bebés, quando não podiam elas ter, vinha o médico para tirar. Era em casa. O meu filho foi tirado. Chamaram o médico, ele veio, estava para me dar uma injeção, mas já não foi preciso, graças a Deus, porque o tive. Estava o médico a preparar as coisas, mas não foi preciso. Ele é um bocadinho forte e nasceu um bocadinho gordo. Custava-me mais. Deram-me uns comprimidozinhos.

Também vem aqui o médico agora, mas é de Arganil. Mês a mês e assim. Na minha terra, vinha um médico de Côja.

## Correio à porta

Antigamente vinham à porta trazer a correspondência. Agora, vêm à mesma, mas quer-se dizer, vêm de carro. Os senhores, ali em baixo da Covita, é que tomam conta da nossa correspondência. O meu filho casou com a irmã deles. A minha nora Maria vai lá e traz os nossos recibozitos das reformas e a carta da luz. Lá fazem aquele jeito a nós. Primeiro, o meu homem ia ao Piódão. Íamos à missa, levávamos as coisas. Agora, não podemos ir, tomam lá eles conta.

## Quotidiano "*Nem sequer uma galinha tenho*"

Gosto mais de estar por aqui no campo. Fui habituada nas fazendas. Faço as minhas coisinhas em casa e depois vou para a fazenda. Cultivo uns feijõezitos, mas é o filho que me cava a terra com uma máquina. Tem uma máquina de lavar a terra. Depois, é que então semeio alguma coisa. Mas ele já me avisou:

- "Não é este ano que lhe cavo nada, que você não pode, mãe."

Pois não, não posso. Deixo cair as ferramentas. É uma enxadita e uma "sachita". Nem sequer uma galinha tenho. Era longe onde as metia. Quando fui operada, já não podia. Não via para lá ir tratar delas, pronto. Só peço aos santinhos e a Nosso Senhor que me dê saudinha.